

A relação entre as eleições democráticas na América Latina em 2022: há perspectiva de mudança com a ascensão da esquerda na região?

LENIRA VITORIA BARROSO DE OLIVEIRA

“Em vez de um ‘giro à esquerda’, o que de fato observa-se atualmente na América Latina é uma canalização dos desejos populares por reformas sociais, e o entendimento dos governantes de que isso só se faz possível com reformas estruturais dos próprios Estados.” (RANDIG, 2008).

Os países democráticos latino-americanos enfrentaram, em diversos momentos ao longo de suas trajetórias políticas, instabilidades estruturais no que se refere à consolidação da democracia. Não obstante, o período recente da política desta região foi marcado pela ascensão de democracias iliberais e até mesmo de semidemocracias, em que o autoritarismo emerge do próprio sistema democrático; levando ao aumento da desconfiança da população desta região no que se refere às instituições democráticas. A partir dessa perspectiva, buscar-se-á analisar a ascensão dos governos de esquerda na América Latina, a fim de compreender se há perspectiva de mudança social e política nos países latino-americanos.

A “maré rosa” na América Latina

O fenômeno latinoamericano que ficou conhecido como “maré rosa” das esquerdas foi resultado da insatisfação da população da região em relação às políticas neoliberais implementadas entre os anos 1980 e 1990 (CUNHA & ARAÚJO, 2014). Nesse contexto, destaca-se a virada que representou a ascensão de governos da esquerda na região no final do século XX e início do século XXI, em que se passou a implementar políticas de combate à desigualdade e a pobreza, bem como buscou-se direcionar tanto a política econômica quanto externa desses Estados (CUNHA & ARAÚJO, 2014).

Nesse contexto geográfico, a esquerda não pode ser compreendida como um grupo homogêneo, mas pelo contrário, constitui-se como um conjunto diverso, em que há alguns governos mais estáveis do que outros. Com relação aos países governados pela esquerda na América

do Sul no início do século XXI, evidencia-se o Brasil, o Uruguai, o Chile, a Bolívia, a Venezuela, o Equador, a Argentina e o Paraguai (CUNHA & ARAÚJO, 2014). Nessa conjuntura, alguns cenários de instabilidade política já se manifestavam no continente, como observado na Venezuela; enquanto outros governos democráticos da esquerda caracterizavam-se por serem mais estáveis, como é o caso do Uruguai e do Chile (CUNHA & ARAÚJO, 2014).

Apesar de parte dos analistas da primeira década argumentarem que houve um “giro à esquerda” na região, existe outra perspectiva que defende a existência, nesse período, de governos que independentemente do viés ideológico, convergiram na promoção interna de indicadores sociais (RANDIG, 2008). Desse modo, argumenta-se que houve de fato na América Latina a eleição de governos que canalizavam os anseios populares por reformas sociais que apenas se daria por meio de mudanças estruturais nos próprios Estados (RANDIG, 2008).

A crise democrática na América Latina

No que se refere às crises da democracia, o autor Adam Przeworski salienta em sua obra “Crises da Democracia” (2020) que dentre os sinais que permitem a visualização da crise em uma democracia estão: a perda repentina do apoio a partidos políticos outrora estabelecidos, a diminuição da confiança popular nas instituições democráticas e nos políticos, assim como conflitos claros no que se refere às instituições democráticas ou a capacidade dos governos manterem sem o uso de meios coercitivos a ordem pública (PRZEWORSKI, 2020). Nesse contexto, pontua-se ainda que crises em outras esferas da sociedade – como a esfera econômica, social ou política – podem enfraquecer as instituições democráticas estabelecidas, como exemplifica os escândalos de corrupção no Brasil (PRZEWORSKI, 2020).

Já os autores Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, em sua obra “Como as Democracias Morrem” (2018), ressaltam que é usual pensar a falência da democracia por meio do poder e da coerção dos militares, na medida em que durante o período da Guerra Fria, os golpes de Estado foram responsáveis por grande parte dos colapsos democráticos, como os que ocorreram na América Latina – Argentina, Brasil, Guatemala, Peru, República Dominicana e Uruguai (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018). Todavia, os autores evidenciam ainda que se pode arruinar a democracia de outra maneira que acontece mais frequentemente, mas em que a democracia decai mais lentamente, a ponto das etapas serem quase imperceptíveis; sendo que essa maneira se dá por meio de líderes eleitos que subvertem o próprio processo que, outrora, os levou ao poder (LEVITSKY; ZIBLATT, 2018).

Ainda nessa perspectiva acerca das crises das democracias, o cientista político Yascha Mounk busca argumentar, em sua obra “O Povo Contra a Democracia” (2019), que “a democracia liberal está se decompondo em suas partes integrantes, ensejando a ascensão da democracia iliberal de um lado e do liberalismo antidemocrático do outro” (MOUNK, 2019, p. 33). Nesse sentido, as democracias iliberais tendem a ocorrer em lugares onde a maioria decide-se por subordinar as instituições independentes ao bel-prazer do executivo ou ainda por limitar os direitos das minorias que não lhe agrada (MOUNK, 2019). Enquanto, os regimes liberais podem ser antidemocráticos, apesar de contarem com eleições regulares e competitivas, em lugares onde o sistema político favorece a elite de tal maneira que dificilmente as eleições são úteis para traduzir os anseios populares efetivamente em políticas públicas (MOUNK, 2019).

O cenário político da América Latina é marcado por constantes ciclos no que se refere à estabilidade democrática dos governos dessa região (RENNÓ, 2012). Nessa perspectiva, há momentos em que se pode notar alguns poucos progressos rumo a uma consolidação democrática da região, enquanto em outros, visualizam-se claros retrocessos (RENNÓ, 2012). Desse modo, desde a primeira década do século XXI, alguns autores já apontavam sinais de uma crise que, na verdade, é bem recorrente nessa região, mas que se delineou de forma mais evidente, especialmente no contexto brasileiro, após as manifestações de 2013 (BALLESTRIN, 2018).

Ainda no que tange a crise da democracia latino-americana, cabe ressaltar que os desafios que a ameaçam constantemente emergem do próprio sistema democrático, isto é, nascem nas eleições (RENNÓ, 2012). Portanto, a polarização política e a centralização do poder na figura do representante do executivo, como ocorre no Brasil, são salientados como sendo alguns dos fatores que levaram ao surgimento de tensões democráticas nos países latino-americanos, principalmente, no século XXI (RENNÓ, 2012).

Outras perspectivas sobre essa questão apontam que o cerne do imbróglio que ameaça a democracia na América Latina é o capitalismo, responsável por minar o impulso democrático nessa região (BORON, 2010). Segundo essa linha de pensamento, os indivíduos estariam cada vez mais desinteressados e apáticos com os regimes democráticos, na medida em que não são capazes de satisfazer os anseios depositados nos representantes eleitos (BORON, 2010).

As democracias latino-americanas no contexto da pandemia da covid-19

A pandemia da covid-19 afetou a região da América Latina tão profundamente que explicitou os problemas de natureza social, econômica e política, de forma mais transparente possível, por meio de sucessivas crises (AMÉRICA..., 2021). Nessa conjuntura,

cabe destacar que a pandemia emergiu em um cenário político instável, com sistemas de saúde deficitários e crescimento da pobreza na região (AMÉRICA..., 2021). Portanto, notou-se nesse contexto pandêmico o aumento do descontentamento por parte da população, que levou à emergência de manifestações nas ruas em diversos países latino-americanos, trazendo como pauta questões estruturais da sociedade (AMÉRICA..., 2021).

No que se refere ao contexto brasileiro durante esse período, evidenciam-se os constantes ataques às instituições democráticas promovidos pelo próprio presidente da República, Jair Bolsonaro (JIMÉNEZ, 2021). Desse modo, as tensões dentro do seio democrático - alimentadas pelo representante do executivo - levaram a um temor constante de um golpe promovido pelo próprio presidente. Ademais, o relatório do Latinobarômetro de 2021 evidencia uma preocupação com a crise de institucionalidade do governo brasileiro que tem como consequência a deterioração democrática no país (MALDONADO, 2021).

Em relação ao cenário pandêmico na Colômbia, ressaltam-se as constantes tensões que se manifestaram por meio de protestos populares contra, principalmente, o governo do presidente Iván Duque (OQUENDO, 2021). Nesse contexto, evidencia-se, dentre os efeitos nefastos da pandemia, o retorno de três milhões de pessoas à linha da pobreza no país (OQUENDO, 2021). Além disso, outro ponto que motivou o estopim das manifestações e o aumento da violência, foi a decisão de Duque de se mostrar disposto a aprovar uma reforma tributária em um contexto já abalado pelo desemprego (OQUENDO, 2021).

Já a Argentina apesar de não ter passado por nenhuma tensão social nem incerteza política durante o período pandêmico, foi bastante impactada pelos efeitos econômicos advindos da pandemia (MOLINA, 2021). Desse modo, destaca-se o aumento do desemprego, da inflação e da pobreza como fatores desestabilizadores da democracia argentina; em que apesar do governo ter conseguido controlar os protestos sociais, ainda houve sinais de descontentamento expressados, principalmente, pela extrema esquerda (MOLINA, 2021).

No caso do Chile, cabe evidenciar que tanto a crise política quanto a crise social foram uma constante no país desde as mobilizações sociais de 2019 e que ambas permaneceram ao longo da pandemia (MONTES, 2021). Destarte, ressalta-se nessa conjuntura chilena um governo enfraquecido em que se notava a desconfiança dos cidadãos ao parlamento, as instituições democráticas alvo de constantes questionamentos e a baixa adesão da população às eleições (MONTES, 2021). Enquanto no Peru, as eleições foram uma das tensões que se fizeram presentes na pandemia; o que resultou no desafio de se restabelecer um país que já se encontra polarizado politicamente (QUESADA, 2021).

Com base no relatório do Latinobarômetro de 2021, destaca-se ainda que “a covid-19 reforçou a irritação dos latino-americanos com a política, aumentou o descontentamento social e colocou em xeque elites incapazes de acabar com a desigualdade” (MALDONADO, 2021). Nesse contexto, evidencia-se ainda que 16 países da América Latina continuam tendo regimes democráticos; enquanto dois países - Nicarágua e Venezuela - retrocederam, segundo o estudo, de forma a se transformarem em “ditaduras” (MALDONADO, 2021).

O cenário eleitoral brasileiro em 2022

O cenário eleitoral brasileiro de 2022 encontra-se extremamente polarizado, especialmente, no que se refere a eleição presidencial no país. Nesse sentido, diversos analistas evidenciam a economia como um fator decisivo na escolha do candidato à presidência pelo eleitor (LISBÔA, 2022). Destarte, salienta-se, nessa conjuntura, a visão do eleitorado da existência de uma crise econômica que afeta a percepção da população acerca da gestão econômica do atual governo, principalmente com a elevação dos índices inflacionários no país (LISBÔA, 2022).

Nesse contexto, emerge na liderança da disputa presidencial no Brasil, dois candidatos - Lula da Silva e Jair Bolsonaro - com posicionamentos políticos distintos e que levam a uma polarização política cada vez maior (LISBÔA, 2022). De acordo com a pesquisa Datafolha, divulgada no dia 18 de agosto de 2022, o ex-presidente Lula liderava a disputa ao cargo de presidente da República com 47% das intenções de voto, seguido do atual presidente Jair Bolsonaro que conta com 32% das intenções de voto (DATAFOLHA..., 2022).

Evidencia-se, portanto, por meio das pesquisas de intenções de voto no Brasil, uma conjuntura favorável para a ascensão de um governo de esquerda no país; acompanhando assim, a tendência de outros países latino-americanos, como a Colômbia. Todavia, há, no caso brasileiro, fatores de estabilidade que podem comprometer o resultado das eleições de 2022 - dentre eles, está a aprovação no Congresso do aumento do Auxílio Brasil, conforme apontam especialistas (AZEVEDO, 2022).

Todavia, faz-se basilar pontuar que a tentativa de implementar medidas como o aumento do Auxílio do Brasil em ano de eleição pode acabar não se convertendo em votos para o candidato Jair Bolsonaro (AZEVEDO, 2022). Destarte, como pontua o Cientista Político Rafael Cortez, a implementação dessas medidas pode melhorar a percepção dos eleitores quanto ao candidato, mas sem significar necessariamente a opção pelo voto, tendo em vista que seu governo nunca foi visto como associado a políticas de assistência social aos mais pobres; voltando-se, na verdade, para uma agenda mais liberal e reformista (AZEVEDO, 2022).

Por fim, cabe destacar que apesar das diversas instabilidades que cercam as eleições brasileiras de 2022, há sim uma perspectiva de ascensão também no Brasil de um governo de esquerda que confirme a tendência latino-americana. Nesse sentido, o professor de Ciência Política da UFMG, Lucas Rezende, pontua que as eleições no Brasil possuem um papel fundamental na confirmação dessa nova onda de governos alinhados à esquerda (NASCIMENTO, 2022). Segundo o professor, a eleição brasileira exerce esse papel central, na medida em que “o Brasil é uma potência unipolar na América do Sul e a dinâmica aqui acaba influenciando muito outros países” (NASCIMENTO, 2022).

A ascensão da esquerda na Colômbia

Após uma eleição presidencial bastante acirrada na Colômbia, foi eleito no país o primeiro governo de esquerda, formado por Gustavo Petro – outrora prefeito de Bogotá – e Francia Marquez – ativista ambiental colombiana (GARAVITO & THANKI, 2022). Nessa conjuntura, pode-se destacar que essa vitória foi uma “virada” histórica na Colômbia, na medida em que mais de 50% dos eleitores escolheram votar em um governo progressista, que promete mudanças profundas tanto no âmbito social quanto econômico do país (GARAVITO & THANKI, 2022).

Dentre as propostas da campanha de Petro e Marquez, destaca-se a promessa de uma reforma tributária que venha a prover o Estado com fundos extras, a fim de subsidiar projetos de melhoria no sistema educacional e de saúde colombiano (GARAVITO & THANKI, 2022). Além disso, buscar-se-á ainda, por meio dessa arrecadação, acabar com a dependência colombiana de combustíveis fósseis por meio de uma transição energética (GARAVITO & THANKI, 2022). O governo buscará construir, ainda, uma economia verde, assim como tornar a Colômbia uma liderança global na luta contra as mudanças climáticas (GARAVITO & THANKI, 2022).

Ademais, cabe evidenciar ainda que as propostas do governo de Petro incluem aumentar as taxas cobradas de terras improdutivas, bem como introduzir no país um sistema de educação pública no ensino superior (TOBIAS, 2022). Dessa forma, infere-se que são muitas as propostas de mudança e que, portanto, também serão inúmeros os desafios para implementá-las; dentre eles está a existência de um congresso fragmentado e uma elite econômica receosa com algumas das políticas propostas pelo governo de Petro (TOBIAS, 2022). Todavia, essa vitória ainda é sinônimo de uma grande transformação no cenário político da Colômbia, principalmente, para a população marginalizada do país.

As implicações sociopolíticas da ascensão da esquerda na América Latina

No que se refere ao cenário democrático com a ascensão da esquerda na América Latina, evidencia-se o anseio por mudanças nas condições sociais de vida da população, principalmente, da parcela mais pobre. Nesse sentido, na visão do professor de Direito da PUC Minas e da UFMG, José Luiz Quadros, a "virada da esquerda" na região está relacionada com a piora dos indicadores ligados a desigualdade e o baixo crescimento econômico no período governado pela direita nos países latino-americanos (NASCIMENTO, 2022).

Ainda nessa perspectiva, o professor acrescenta que a pandemia da covid-19 foi, outrossim, um catalisador dos problemas vinculados aos governos de direita na região, na medida em que esses governos buscaram, nesse cenário pandêmico, reduzir ainda mais a participação do Estado na vida da população (NASCIMENTO, 2022). Ademais, evidencia-se que os governos progressistas eleitos na América Latina têm todos um discurso conciliador que preza pela paz e pelo diálogo, como exemplifica o governo eleito nas eleições da Colômbia que preza pela unidade (NASCIMENTO, 2022).

Segundo Paulo Velasco, professor de Política Internacional da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, ao invés de uma nova "onda" da esquerda na região, há na verdade uma migração dos eleitores para à esquerda após a frustração com os governos de direita, outrora também eleitos para substituir o polo antagônico (LISSARDY, 2022). Portanto, ressalta-se que o grande desafio a ser enfrentado por esses governos emergentes de esquerda na América Latina, permanece o de suprir as demandas por melhores serviços públicos e de seguridade social, assim como a diminuição da desigualdade (LISSARDY, 2022).

A partir do exposto, é possível considerar que os governos latino-americanos enfrentarão grandes dificuldades em executar as mudanças requeridas por suas populações nacionais, tendo em vista o cenário economicamente instável desses Estados (LISSARDY, 2022). Nesse sentido, alguns especialistas apontam que o mal-estar social pode voltar a emergir por meio de protestos populares (LISSARDY, 2022), principalmente, caso esses governos não sejam capazes de atender a essas demandas da população.

Considerações finais

Levando em consideração o atual cenário sociopolítico da América Latina, nota-se uma nova ascensão de governos da esquerda nos países da região, mas, ao contrário da outrora denominada "onda rosa", essa mudança está muito mais vinculada aos anseios da população

por mudanças sociais do que necessariamente por uma preleção ideológica à esquerda (RIBEIRO ET AL, 2022). Por conseguinte, por mais que exista uma perspectiva de melhora das condições de vida da população desses Estados, não se constata uma formação de um bloco ideológico consistente capaz de alterar as estruturas políticas e sociais à longo prazo na região (RIBEIRO et al., 2022).

Por fim, cabe destacar a centralidade das eleições brasileiras de 2022 na comprovação dessa tendência na América Latina, na medida em que o país é um ator capaz de influenciar a dinâmica política de outros países, principalmente, sul-americanos (NASCIMENTO, 2022). Nesse viés, acompanha-se as eleições no país com certa apreensão, por conta dos constantes ataques às instituições democráticas realizadas pelo atual presidente da República, Jair Bolsonaro (LISSARDY, 2022). Destarte, independentemente do resultado das eleições brasileiras, faz-se necessário, assim como em outros países latino-americanos, haver o fortalecimento da democracia nesses Estados, a fim de que as mudanças requeridas pela população e propostas pelos governos de esquerda possam ser de fato implementadas.

Referências

AZEVEDO, Alessandra. Qual o peso do Auxílio Brasil na eleição? Veja o que dizem especialistas. Exame, ago. 2022. Disponível em: <https://exame.com/brasil/qual-o-peso-do-auxilio-brasil-na-eleicao-veja-o-que-dizem-especialistas/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

BALLESTRIN, Luciana. O Debate Pós-Democrático no Século XXI. Revista Sul-Americana de Ciência Política, v. 4, n. 2, 149-164, 2018.

BORON, Atilio. Crise das democracias e os movimentos sociais na América Latina: notas para uma discussão.

In: CASTELO, Rodrigo (org.). Encruzilhadas da América Latina no século XXI. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010. cap. 3, pp. 81-97.

COUTINHO, Marcelo. Movimentos de mudança política na América do Sul contemporânea. Revista de sociologia e política, pp. 107-123, 2006.

COTA ET AL. América do Sul, a grande convulsão. El País, jun. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-06-20/america-do-sul-a-grande-convulsao.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

CUNHA, Lucas Rodrigues; SILVA, Victor Augusto. Sistemas políticos na América do Sul no contexto da “maré rosa”: democracia, estabilidade e governança no século XXI. Revista Eletrônica de Ciência Política, v. 5, n. 2, 2014.

Datafolha: Lula tem 47%; Bolsonaro, 32%; Ciro, 7%; Tebet, 2%. G1, ago. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/pesquisa-eleitoral/noticia/2022/08/18/datafolha-lula-tem-47percent-e-bolsonaro-tem-32percent.ghtml>. Acesso em: 22 ago. 2022.

LISBÔA, Rafael. BÚSSOLA LIVE: Como está o cenário eleitoral a cinco meses da disputa. Exame, mai. 2022. Disponível em: <https://exame.com/bussola/bussola-live-como-esta-o-cenario-eleitoral-a-cinco-meses-da-disputa/>. Acesso em: 23 ago. 2022.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as Democracias Morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LISSARDY, Gerardo. As 3 eleições da América Latina em 2022 e como elas podem mudar ou consolidar a política da região. BBC News Mundo, jan. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-59862924>. Acesso em: 21 ago. 2022.

MALDONADO, C. S. Latinobarômetro reflete o descontentamento social pela pandemia. Cidade do México, El País, out. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-10-15/latinobarometro-reflete-o-descontentamento-social-pela-pandemia.html>. Acesso em: 20 jun. 2022.

MOUNK, Yascha. O povo contra a democracia: por que nossa liberdade corre perigo e como salvá-la. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

NASCIMENTO, Simon. Onda de governos de esquerda na América do Sul chega ao Brasil? Entenda. O Tempo, jun. 2022. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/onda-de-governos-de-esquerda-na-america-do-sul-chega-ao-brasil-entenda-1.2686667>. Acesso em: 26 ago. 2022.

PRZEWORSKI, Adam. Crises da Democracia. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

RANDIG, Ricardo W. Nadando contra a “maré vermelha”: análise da suposta tendência à esquerda da América Latina. Meridiano 47- Boletim de Análise de Conjuntura em Relações Internacionais, n. 96, 2008.

RENNÓ, Lucio R. O saldo da crise democrática na América Latina: sobre a legitimidade e a consolidação da Democracia Representativa. In: BODEMER, Klaus (org.). Cultura, sociedad y democracia en

América Latina: Aportes para un debate interdisciplinario. Madrid: Iberoamericana, 2012. cap. 1, pp. 19-42.

RIBEIRO, D.; SOUZA, R.; SOUZA, E. Governos de esquerda ganham espaço na América do Sul. CNN BRASIL, São Paulo, mai. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/governos-de-esquerda-ganham-espaco-na-america-do-sul/>. Acesso em: 21 ago. 2022.